

O Oriente de *Os Lusíadas* de Camões e o discurso do gênero: paisagem cultural e geográfica ao modelo da tradição épica ocidental

Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca¹ (UFG)

Resumo:

*A idéia basilar desse trabalho consiste na verificação de que o fazer literário representa geografias e paisagens culturais de outras localidades, alheias à sua própria realidade e contexto, de forma retórica, imaginária e simbólica, refletindo formações ideológicas, de ordem política e cultural, dessa representação. Tendo por base essas noções, o trabalho propõe examinar Os Lusíadas (1572), de Luís Vaz de Camões, como obra comprometida com traços do complexo etno-cultural-androcêntrico da tradição ocidental. Assim, apoiando-se nesses pressupostos, o trabalho examina a retórica dos tropos do ideário camoniano, utilizados para retratar o Oriente, sua paisagem e sua gente. Nesse âmbito tendenciosamente imaginário e figurativo, destaca-se a chamada **orientalização** do Oriente, a qual se verifica sob as lentes do discurso ocidental do gênero, ideológica e politicamente informado. A idéia basilar desse trabalho consiste na verificação de que o fazer literário representa geografias e paisagens culturais de outras localidades, alheias à sua própria realidade e contexto, de forma retórica, imaginária e simbólica, refletindo formações ideológicas, de ordem política e cultural, dessa representação. Tendo por base essas noções, o trabalho propõe examinar Os Lusíadas (1572), de Luís Vaz de Camões, como obra comprometida com traços do complexo etno-cultural-androcêntrico da tradição ocidental. Assim, apoiando-se nesses pressupostos, o trabalho examina a retórica dos tropos do ideário camoniano, utilizados para retratar o Oriente, sua paisagem e sua gente. Nesse âmbito tendenciosamente imaginário e figurativo, destaca-se a chamada **orientalização** do Oriente, a qual se verifica sob as lentes do discurso ocidental do gênero, ideológica e politicamente informado.*

Palavras-chave: paisagem, discurso do gênero, épica, Camões.

Engendering um discurso, isto é, conferir-lhe uma ótica sexualizadora, pode ser um dos mais influentes aspectos na produção, circulação e consumo da literatura (RUTHVEN, 1984, p. 9; SHOWALTER, 1994, p. 1-23). Na cultura ocidental tradicional, o **falogocentrismo** (CUDDON, 1992, p. 34) indica um sistema binário de imposição do masculino sobre o feminino, de uma matriz universal sobre uma particularidade derivativa (SHOWALTER, 1994, p. 20). A hegemonia desse modelo androcêntrico encontra-se fixada por uma lógica hierarquizante, que ideologicamente organizada em termos sociais e culturais (KAPLAN, 1986, p. 148), supõe a premissa simbólica do gênero como ordem imposta por força (MACKINNON, 1987, p. 82).

Para o que é proposto examinar nesse trabalho, qual seja, a visão da paisagem cultural e geográfica do Oriente visitado pela épica lusíada de Camões, que o Helgerson estuda como **formas de nacionalidade** da cultura ocidental (1992, p. 6) é de significativa importância. A começar com o tradicional conceito de *paterfamilias* que – dignatário enquanto proprietário e por seu valor moral e espiritual (STOLTENBERG, 1990, p. 68 – aferia as civilizações periféricas à medida que falhavam na dotação desses atributos.

Nesse caso, por uma espécie de inunção de fatores, o patriarcal acaba sempre se associando ao épico e à virilidade na legitimação do domínio do ocidental sobre a periferia oriental, geralmente equacionada a atributos preconceituosos para identificar a natureza do feminino. Dentre tais atributos, encontra-se aquele que projeta o Oriente como um espaço desconhecido e misterioso, cujo desvelamento pelo homem ocidental funciona como um rito de passagem a alegorizar os feitos da sua natural estatura heróica e viril (SHOHAT, 1994, p. 146).

Esse efeito épico, característico do discurso colonialista, retoriciza, em termos promocionais, a conquista com imagens erótico-sexuais, à medida que o desejo do Ocidente envolve-se com metáforas de escrutínio, penetração e consumo erotizados (SHOHAT, 1994, p. 146). Tais imagens, antecipando um completo conhecimento da natureza, torna-a representada como um corpo feminino nu (Jordanova cit. por SHOHAT, 1984, p. 140-50; p. 173, n. 47) e objetificado, dada a íntima relação que existe entre nudez e a coisificação do corpo (BERGER, 1977, p. 54).

Em *Os Lusíadas* (1572), essa estratégia de submissão e de controle do espaço, assim tendenciosamente feminizado, projeta a expectativa desejosa do ocidental em esperar do Oriente uma receptividade passiva, desnuda de atitudes viris próprias e contrapositivas. Exemplo disso é descrição que Camões faz, no Canto Sétimo, do encontro de Vasco da Gama com o Samorim. Nesse encontro, o Oriente, alegoricamente assim personificado, jaz emoliente em luxuosos adornos feminis, à espera do militante, severo e aguerrido Ocidente representado pelo conquistador português (CAMÕES, s.d., p. 95-102). O que se destaca, nesse e em outros episódios do discurso épico camoniano, é a imagem da centralidade de poder, característica de uma antiga monarquia. E quanto mais concentrado esse poder, mais exclusivista ele se torna em termos de aceitação do outro enquanto raça e cultura (HELGERSON, 1992, p. 297-98). Correspondentemente, para o discurso camoniano, por meio de uma correspondência de motivos ideológicos, a outridade do Oriental torna-se a outridade do próprio segundo sexo (QUINT, 1993, p. 29).

Essa busca da centralidade enquanto *loci* de racionalidade e de moralidade históricas e culturais (SHOHAT, 1994, p. 141), inerentes à lusitanidade heroizada por Camões, irracionaliza e desmoraliza as periféricas regiões orientais, as quais passam a ser projetadas como lugares de impulsos, instintos violentos e de lascívia anárquica (SHOHAT, 1994, p. 141), a requererem o controle e o domínio do conquistador europeu.

A discriminação do espaço oriental, qualificado com imagens derogatórias do feminino, integra a ordem ideológica e política da profusa história da misoginia praticada na cultura ocidental. Dentre as prevenções antifeministas, com as quais a aventura épica masculinista metaforiza o Oriente, destacam-se, principalmente, aquelas que se referem à sua exuberância sensorial ou mesmo à sua luxúria. Tais aspectos do sensualismo oriental, próprios do paganismo ou dos costumes dos infiéis, estariam prontos para seduzir e corromper o conquistador europeu cristão na sua apetência em desvendar o exótico que, nesse caso, compromete-se com o erótico.

Entretanto, frente a esse espaço provocador, o conquistador e o explorador ocidentais se concedem em certos momentos de deslize rumo às prazerosas atrações orientais, apesar de tenderem à preservação das suas androcêntricas prerrogativas culturais e de procurarem estender os seus *topoi* de racionalidade e de moralidade ao desordenado espaço do Oriente. Toda essa configuração paradoxal de refreamento e de concessão, expressa na disposição épica de *Os Lusíadas*, leva à constatação de que, constituinte do monologismo épico idealizado pelo ocidental nas suas aventuras no Oriente, existe uma ansiedade desejosa do **outro**, para além de um encontro de razão. Daí apresentar-se o Oriente como uma força magnética a inspirar os europeus a criarem ou recriarem um Leste que combine com o que o Oeste quer que esse Leste seja: misterioso, maravilhoso, bizarro e, talvez, mesmo imoral (CUDDON, 1992, p. 664).

Em *Os Lusíadas*, essa temática dos encantos sedutores do Oriente é bastante recorrente, sugerindo, em várias passagens, a sua vertente corruptora. No Canto Segundo, a natureza feminizada dessa sedução é personificada por Vênus, que representa um tipo de força propiciadora para a **orientalização** dos portugueses. Isto porque é através da intervenção dos poderes dessa deusa do amor pagão que a expedição de Vasco da Gama resulta bem sucedida no plano mitopoético que, conjugado ao histórico, apresenta-se como ingrediente próprio das epopéias ao feito da tradição clássica.

A transferência espacial e temporal de Vênus para reger o aspecto sedutor do Oriente não parece ser uma incongruência, uma vez que a deusa, símbolo protótipo da sedução na cultura ocidental, agora corresponde ao espaço e à paisagem orientais feminizados pelo desejo do europeu, dialeticamente emparelhado com a disposição épica de fazer história.

O entorno oriental para a figuração de Vênus não poderia ser mais imagisticamente apropriado enquanto espaço e paisagem de atuação. Primeiramente a deusa e, depois, o irresistível séquito feminino das ninfas amorosas de Tétis, no Canto Nono, que relata o episódio da Ilha dos Amores, constituem a metáfora do Oriente identificado ao erótico e sexual. É conhecida a passagem em que a deusa-mãe da raça lusitana, no Canto Segundo, preocupada com as artimanhas de Baco para abortarem a viagem do Gama às Índias, lança mão dos encantos da sua infalível beleza e nudez eróticas, quando, maliciosamente sedutora e insinuante, apresenta-se a Júpiter, para que ele interceda em favor dos portugueses, amainando, assim, as adversidades do mar tormentoso e dos agressivos gentios orientais:

E como ia afrontada do caminho,
Tão formosa no gesto se mostrava
Que as estrelas e o céu e o ar vizinho
E tudo quanto a via, namorava.
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Uns espíritos vivos inspirava
Com que os polos gelados acendia,
E tornava do fogo a esfera, fria.

.....
Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo colo que a neve escurecia;
Andando, as lácteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava e não se via.
Da alva petrina flamas lhe saíam,
Onde o Minino as almas acendia;
Pelas lisas colunas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.
C'um delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha é natural reparo;
Porém nem tudo esconde nem descobre
O véu, dos roxos lírios pouco avaro;
Mas, para que o desejo acenda e dobre,
Lhe põe adiante aquele objecto raro.
Já se sentem no Céu, por toda a parte,
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte.

.....
E destas brandas mostras comovido,
Que moveram de um tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual, do Céu subido,
As lágrimas lhe alimpa e, acendido,
Na face a beija e abraça o colo puro.

De modo que dali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.

(CAMÕES, s.d., p. 54-55)

Essa mesma frugalidade evanescente das vestes da divindade feminina de *Eros* é reduplicada nas seminuas ninfas da Ilha dos Amores, cobertas “da lã fina e seda diferente / Que mais incita a força dos amores” (CAMÕES, s.d., p. 114). Entretanto, a voz poética, com a consciência moral da sua formação cultural e cristã, refreia o envolvimento das excitações orientais e pagãs, censurando, quase que com pouca vontade, as corrupções do amor venéreo, cuja passionalidade nefanda o torna responsável por milhares de desconcertos e tragédias da humanidade.

Conforme sugerido anteriormente, esse tropo da desenfreada licenciosidade amorosa do Oriente representa, no discurso camoniano, um dos aspectos estratégicos do eurocentrismo da época, empenhado na subalternização cultural e moral do outro em referência oriental. Serve ainda essa construção figurativa como modelo para a composição de narrativas apropriadoras do Oriente pelo Ocidente, das quais as histórias e as épicas do período das explorações, conquistas e colonização ultramarinas são exemplos dessa realidade ideológica.

Essa atribuída efusão amorosa oriental acaba por sucumbir, discriminatoriamente, o seu espaço a um tratamento figurativo e retórico que reduz o seu mundo ao natural e ao biológico, associando-o antes com o vegetativo, o instintivo e o material cru que com o instruído, cultural e manufaturado, realizando, aqui, o que se conhece, no discurso colonialista, por tropologia da naturalização do colonizado (SHOHAT, 1994, p. 137). Por esse ângulo analítico, a sexualização venérea do Ocidente pode ser tomada em correspondência crítica com o androcentrismo que, de forma prototípica para a época, caracteriza a épica histórica de *Os Lusíadas* como forma de expressão do logocentrismo cultural do Ocidente.

Essa problemática, formalizada pelo discurso do gênero, configura-se na tentativa camoniana de nacionalizar a sua epopéia com base na supervalorização hierárquica das formas patriarcais da sua realidade pátria e ocidental, em contraste com a subserviência, e mesmo denegação, das formas de expressão ginocêntrica da feminilidade oriental.

Na Ilha dos Amores, por exemplo, Tétis e as suas ninfas servem, sobretudo, como obedientes e gentis troféus de refrigério erótico para recompensarem o honorável desempenho dos viris e épicos portugueses na conquista do caminho marítimo para as Índias. A mítica e luxuriosa ilha oceânica, presente de Vênus, funciona como um verdadeiro *locus amoenus* que, reminescente da tradição dourada da antigüidade clássica, a ele adiciona o império do prazer e da sensualidade. E, na espécie de graciosa orgia que se segue na paradisíaca ilha paganizada, mesmo Lionardo, um dos soldados do Gama, que “tinha já por firme pressuposto / Ser com amores mal afortunado” (CAMÕES, s.d., p.116), consegue o seu prêmio, quando, finalmente, a sua negaceadora ninfa oceânica “Toda banhada em riso e alegria, / Cair se deixa aos pés do vencedor, / Que todo se desfez em puro Amor” (CAMÕES, s.d., p. 116).

Entretanto, essa maravilhosa realidade mítica não tarda em ser desfeita pelo tom moralizante que, caracteristicamente, se sobressai em vários momentos-chave do poema. Afinal de contas, a Ilha não passa de um símbolo muito nítido para figurar as recompensas sublimes que a Honra – princípio tão caro à patriarcalidade ibérica, de primaz importância à correta ordenação das suas relações sociais (WILSON, 1969, p. 43) – havia reservado para os valorosos portugueses.

Esse complexo da superioridade psico-cultural do europeu, referido à realidade ibérica, com a finalidade de emancipar-se semanticamente em outros níveis, vale-se ainda do *topos* do *hierogamos*, ou casamento sagrado, para se expressar com maior abertura mitopoética. Esse expediente teogônico do mundo antigo supunha a necessidade de o rei casar com uma deusa para ser permitido governar, refletindo uma época em que as mulheres eram as que possuíam terras, propriedades e domicílios, os quais passavam, por direito, aos homens depois do casamento (WALKER, 1988, p. 182-83).

Em *Os Lusíadas*, esse *topos* do *hieros gamos* ilustra figurativamente a ideologia do poema. Ambos, ideologia e figurativização se consorciam muito bem para cumprir a finalidade de sancionar os valores ímpares dos navegadores portugueses. E isso se realiza não só no nível da referencialidade histórica, mas também do seu discurso poético.

No nível da estrutura motivacional e estilística, o poema de Camões se qualifica como modalidade ultimada do épico que, consubstanciado nos valores heróico e histórico-nacionais da raça lusitana, se representa masculinamente. Em vista disso, a simbologia do *hieros gamos*, anteriormente referido, tradicionalmente caracterizado como a figura de preservação da regência do princípio do feminino, apenas aparentemente indica uma contradição. Isto porque tal contradição se desfaz se for observado que, na economia episódica do enredo do poema, esse *topos* funciona como uma espécie de emblema figurativo para simplesmente significar o consórcio dos portugueses com as divindades, as quais não passam de troféus merecidamente a serem auferidos pelos valorosos guerreiros. Aqui, o que fica estabelecido é a idéia de que a imagem do feminino, conotada em referência oriental, reforça, uma vez mais, a supremacia do masculino ocidental.

Tal ideologia androcêntrica pode ser ainda mais explicada se for considerado o fato de o desejo dos portugueses em levar as suas ninfas-troféu para Portugal representar, claramente, não só um mecanismo de rapto e de apropriação do natural (i. é., da naturalidade mítica), mas também um mecanismo de reificação dessa desnuda realidade mitológica que torna-se coisificada ao se transformar em dados culturais alocêntricos. Nesse ponto, pode ser mesmo argumentado se tais ninfas, erradicadas do seu *habitat*, não seriam, em Portugal, ainda objetificadas na condição de mulheres consideradas para a finalidade única de serem simplesmente usufruídas como amantes, visto que, para qualquer outro mister, a sua natureza e retratação dificilmente poderiam servir.

Na esteira dessa interpretação, podem ser explicadas as seguintes e deslumbradas palavras do soldado Veloso, da expedição de Vasco da Gama, ao se referir às ninfas, apesar da referência ao antigo costume do rito sacrificial das deusas da floresta, como objeto de caça (CAMÕES, s.d., p. 115). Conforme pode ser percebido, o assédio sexual, ainda que descrito como desejado pelo objeto da sua provocação, e o resgate amoroso não passam, no discurso da conquista e da exploração ultramarinas, como no caso de *Os Lusíadas* de Camões, de metáforas ideológicas do discurso europeu dominante, construídas em correspondência estratégica com a sua política sexual de controle e de dominação das terras descobertas.

Referências Bibliográficas

- BERGER, John. *Ways of Seeing*. London: BBC and Penguin, 1977.
- CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Edição crítica de Francisco da Silveira Bueno. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S. A., s.d.
- CUDDON, J. A. *The Penguin Dictionary of Literary Terms and Theory*. New York: Penguin Books, 1992.
- HELGERSON, Richard. *Forms of Nationhood: The Elizabethan Writing of England*. Chicago and London: University of Chicago Press, 1992.
- KAPLAN, Cora. *Sea Changes: Culture and Feminism*. London: Verso, 1986.
- MACKINNON, Catherine. *Feminism Unmodified*. Cambridge: Harvard University Press, 1987.
- MONTROSE, Louis. The Work of Gender and Sexuality in the Elizabethan Discourse of Discovery In: STATON, Domna C. (ed.), *Discourses of Sexuality: From Aristotle to Aids*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1992.

QUINT, David. *Epic and Empire: Politics and Generic Form from Virgil to Milton*. New Jersey: Princeton University Press, 1993.

RUTHVEN, K. K. *Feminist Literary Studies: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

SHOHAT, Ella and STAM, Robert. *Unthinking Eurocentrism: Multiculturalism and the Media*. London and New York: Routledge, 1994.

SHOWALTER, Elaine. Introduction: The Rise of Gender. In: *Speaking of Gender*. New York: Routledge, Chapman and Hall, 1994.

STOLTENBERG, John. *Refusing to be a Man: Essays on Sex and Justice*. New York: Meridian/Penguin Books, 1990.

WALKER, Barbara G. *The Woman's Dictionary of Symbol and Sacred Objects*. San Francisco: Harper and Row, 1988.

WILSON, M. *Spanish Drama of the Golden Age*. Oxford: Pergamon, 1969.

Autor(es)

¹ **Prof. Dr. Pedro Carlos Louzada Fonseca**
Universidade Federal de Goiás (UFG)
Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários
E-mail: pfonseca@globo.com